

Entrando no bosque/sertão: mapeamento e formação de rede de leitores em Jacobina-BA.

Juliana C. Salvadori¹, Naylane Araújo Matos², Valquíria Rodrigues³.

1. Professora e pesquisadora do Depto. de Ciências Humanas DCH IV, Curso de Letras – Língua Inglesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB; ju.salvadori@gmail.com. 2. Graduanda do Depto. de Ciências Humanas DCH IV, Curso de Letras – Língua Inglesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia e ex-bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica – UNEB; naygalega10@hotmail.com. 3. Graduanda do Depto. de Ciências Humanas DCH IV, Curso de Letras – Língua Inglesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia e ex-bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica – UNEB; valquiriarodrigues1991@bol.com.br.

Palavras Chave: *Leitura, Leitor, Políticas Públicas.*

Introdução

Este trabalho se propõe a apresentar os resultados do projeto de pesquisa e extensão "Entrando no bosque/sertão: mapeamento e formação de rede de leitores em Jacobina-BA". A primeira etapa foi desenvolvida entre junho de 2013 e agosto de 2014 a partir de dois subprojetos de Iniciação Científica, "Serrolândia mais leitora", pela bolsista Naylane Matos, que objetivou investigar, mapear e analisar as práticas de fomento à leitura e o perfil leitor da população de uma cidade do interior da Bahia, Serrolândia. O segundo subprojeto, "Transformando os bosques possíveis em realidade", pela bolsista Valquíria Rodrigues, objetivava mapear as práticas de leitura dos leitores universitários de Jacobina, especificamente da UNEB, analisando o papel desempenhado pela biblioteca setorial do campus IV na formação, manutenção e/ou seu impacto nas práticas leitoras de seus usuários. Os dados foram analisados principalmente a partir do PNLL - Plano Nacional do Livro e Leitura (2010) e do Retratos da leitura no Brasil (2013).

Resultados e Discussão

A indissociabilidade da leitura e da escrita, isto é, esta recuperação da agência do leitor frente ao texto – principalmente o literário – é uma das grandes viradas teórico-metodológicas não somente a embasar a teoria e a crítica literárias, mas as políticas públicas que vão ao encontro da leitura, particularmente a do texto literário, como prática social. Ao reincorporamos esses dois elementos – livro e o leitor – à discussão relativa à leitura, saímos do abstrato conceitual e passamos a considerar que o texto tem um corpo, uma dimensão física, um suporte material (mesmo que, agora, essa corporeidade seja posta em xeque pela virtualidade dos formatos digitais e o próprio conceito de livro esteja se redefinido); que exerce seu potencial de sentido frente a uma alteridade que tem história, biografia e psicologia; e que, para tanto, demanda o aprendizado e o domínio de uma técnica/tecnologia. A escolarização e consequente pedagogização da leitura e da literatura em sala, um dos últimos espaços consagrados a estas práticas, tidas como anacrônicas, aliás, explica muito sobre as mudanças em nossas práticas de leitura e sobre o papel desta em nossa vida como parâmetro organizador e fundador de nossa experiência frente ao mundo e ao outro. De fato, o nó górdio – ou fita de Moebius – encontra-se nessa questão: não é papel da escola formar o leitor comum. Este leitor – que lê para seu prazer – não pode nem deve ser formado a partir de uma carga de leitura obrigatória, isto é, a partir de uma demanda que lhe é extrínseca.

Conclusões

A escola, e a tradicional cena/encenação da sala de aula, não está preparada para formar o leitor comum porque parte do pressuposto de que este já o seja. Logo, põe-se a cumprir seu papel de refinar, a partir do domínio de estratégias de ordem estrutural (retórica e estilística), cultural, sociológicas etc., a leitura desse aluno-leitor, isto é, põe-se a domá-lo para que este não tresleia. Portadora, ainda, do véu hermenêutico, a escola teme a leitura herética, o desvio, e por isso se atém ao dogma. Infelizmente, a sala de aula, a biblioteca e o professor – que ainda não se pensou em seu papel de agente de leitura e, principalmente interlocutor, a tecer intersubjetividades com seus alunos/leitores/sujeitos – coíbe a prática libertadora da interpretação, sacrificada em nome de um consenso vigente que se debruça mais sobre o *modus operandi* dos intérpretes – suas estratégias e teorias – do que a própria atividade em si e sua fecundidade para a tradição interpretativa que um texto traz consigo, acabando por formar não leitores.

Agradecimentos

Agradeço à UNEB pelo financiamento do projeto bem como às minhas bolsistas Naylane Matos e Valquíria Rodrigues pelos seus belos trabalhos.

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. 7. reimpr. - São Paulo: Companhia das Letras, 2001 279 p.

CHARTIER, A.; HÉBRARD, J. Discursos sobre a leitura – 1800-1900. São Paulo: Ática, 1995. Coleção Múltiplas Escritas.

DALVI, Maria Amélia et al. (Org.) Leitura de Literatura na Escola. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOUCAMBERT, Jean. Modos de ser leitor. Trad. Lúcia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. Curitiba: Ed. UFPR, 2008.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. A Formação da Leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

MARQUES NETO, José Castilho (Org.). PNLL: textos e história. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2010. 340p.

PAULINO, Graça. Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares. Caxambu: ANPED, 1998 (Anais em CD ROM).

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). Leitura: perspectivas interdisciplinares. 5ª edição. Editora ática, 2001.